

Os dias chuvosos e ensolarados da poesia do melancólico Ribeiro Couto^{*}

Vera Lins

TALVEZ POUCOS TENHAM LIDO VERSOS DO POETA AQUI REUNIDO. Ribeiro Couto é mais conhecido como amigo de Bandeira do que como poeta e contista. Lembramos ele ainda como quem cunhou a expressão "homem cordial", que, nas mãos de Sérgio Buarque de Holanda, iria render muita polêmica. Embora um romance seu, "Cabocla", tenha virado novela, é mais conhecido em Portugal, onde viveu, do que no país do qual foi embaixador em várias partes do mundo.

Que critérios presidem a uma seleção de melhores poemas é a questão que se coloca de imediato. Ribeiro Couto é poeta menor, afirma no início o organizador, o poeta José Almino. O que o leva a se ocupar do poetinha? Na introdução, Almino revê a idéia de poeta menor como a trabalhosa conquista de uma dicção especial, de brilho singular.

As imagens da capa do livro, uma figura de costas sob a chuva, numa foto meio desfocada e um recorte de uma janela aberta com a vista ensolarada de outras janelas, dão uma boa idéia do que se encontrará. Os poemas de Ribeiro Couto ou são decalcados na imprecisão do tom cinzento de dias de chuva ou se iluminam em passeios ao sol. Mas por todos passa uma vaga melancolia, que talvez seja o que mais atrai o organizador. A melancolia, muito falada, a partir de Walter Benjamin e da gravura de Dürer, era um dos quatro humores que nos identificavam na medicina renascentista como coléricos, sanguíneos, fleumáticos ou – melancólicos.

^{*} Resenha de *Ribeiro Couto: melhores poemas*. Seleção José Almino. São Paulo: Global, 2002. (Coleção Melhores Poemas). Publicado em *O Globo/Prosa & Verso*, Rio de Janeiro, 11.01.2003.

A partir daí se caracterizam os melancólicos como imaginativos, pensadores, poetas e artistas dados à reflexão, que podem extravagar em outros universos sensíveis. A melancolia atravessa os melhores poemas de Ribeiro Couto, aliada a um erotismo que o faz buscar e esperar uma mulher que partiu, que vai partir ou provavelmente não vem: "Esperei a tarde inteira/ E desespero por fim./ Não virás. Uma goteira/ Está chorando por mim".

"Tudo é imobilidade, é silêncio e é vazio"

Alguns como este são canções, o que faz dele um lírico resistente às dissonâncias da poesia que, radicalizadas, levam-na, desde o fim do século XIX, a se afinar mais à música atonal, ao dodecafonismo. Não se espere nada disso de Ribeiro Couto. Ele, no seu movimento de interiorização, vai falar da província, em poemas que são notações de cor e som da vida de cidades pequenas, com largo da Matriz, violão e vaga-lumes que lhe ensinam "o exercício quotidiano da humildade". A chuva põe uma névoa entre ele e as coisas do mundo, e faz com que se interrogue, procurando fora do quadro, como a mulher de asas da gravura de Dürer, que, cercada por objetos e instrumentos, tem um olhar perdido para além dos limites traçados. O olhar suspende o mundo: "Tudo é imobilidade, é silêncio e é vazio". A morte também lhe ocupa o pensamento, mas não o dilacera. Ribeiro Couto aceita com certa sabedoria e boa dose de ternura tudo o que faz parte da humana condição.

Seu tom de surdina, a fala mansa, opõe o poeta aos estrepitosos modernistas, seus contemporâneos. Mas, em alguns momentos, faz suas pesquisas do nacional-popular, abrindo a linguagem para um ritmo de festas e ritmos brasileiros.

Sua poesia se faz de paisagem, um horizonte que interroga com o olhar, e a delicadeza. Para ele há uma trágica doçura na vida, que a poesia acentua ou revela. E essa palavra, como a chuva, torna imprecisa a paisagem externa, fazendo com que o sujeito se interiorize e, como a mulher de asas da gravura de Dürer, imagine, pense e acompanhe seus movimentos mais sutis na direção de algo que deseja e lhe escapa. Nos poemas, geralmente, isso toma a forma de vulto feminino sob a chuva ou é apenas

cheiro vago, "sinuoso aroma". O que, num poema como "Travessia", soneto melancólico, leva a interrogação dos limites entre sonho e despertar, entre imaginário e real: "É a sensação de um barco que naufraga/ Este passar do incerto para o certo,/ O descobrir do sol quando desperto/ E logo a vida que vivi é vaga".

Mar e cais também são imagens recorrentes na poesia de Ribeiro Couto, que lembra Pessoa: "Toda cais é uma saudade de pedra". Os anos que passou em Portugal estão na sua linguagem nessa presença do mar, de certos lugares e nas afinidades que explora com a nostalgia e a saudade portuguesas. Fez amigo entre os intelectuais e poetas do país como Jorge de Sena e foi bem mais lido lá do que aqui. Quando nossa relação com Portugal sempre se marcou pela fina ironia ou a piada escancarada, com ele a simpatia inunda versos, como estes: "Onde o Brasil principia/ Não acaba Portugal".

Detalhes da paisagem transformados em poesia

Nos poemas ensolarados o poeta retoma de românticos e simbolistas o *flâneur*, recolhendo as sugestões da cidade, vendo, ouvindo e transformando detalhes de paisagem em pensamento e poesia. A sensação de abandono em "Céu de inverno" produz a reflexão sobre a miséria da terra. E o melhor da seleção talvez sejam os sonetos finais, como "Chuva e sol".

O movimento reflexivo, marcado por uma certa tristeza, talvez venha de encontro ao que nos falta hoje, em meio ao barulho do espetáculo que nos atordoia e torna pensar hábito difícil e raro. Hábito benquisto do melancólico Ribeiro Couto que nos convida a dividir a saleta, enquanto a chuva cai lá fora, ou a passear em dia de sol.